

# *Vozes em travessia*

*Crônicas na barca Juazeiro-Petrolina*



*Andréia Luciana Macêdo*

*Juazeiro - Ba  
2020*





M141v      Macêdo, Andréia Luciana

Andréia      Vozes em travessia: crônicas na barca Juazeiro – Petrolina /  
Luciana Macêdo. Juazeiro-BA, 2020.  
144 fl.: il.

Multimeios) –      Orientador(a): Profª Drª Márcia Guena dos Santos.  
Humanas.      Inclui Referências  
TCC (Graduação - Comunicação Social - Jornalismo em  
Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências  
Campus III. 2020.

Petrolina-PE.      1. Jornalismo. 2. Crônica. 3. Travessia. 4. Juazeiro-BA. 5.  
Bahia.      I. Santos, Márcia Guena dos. II. Universidade do Estado da  
Departamento de Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 070



# Vozes em travessia

Crônicas na Barca Juazeiro-Petrolina





Andréia Luciana Macêdo

*Vozes em Travessia*  
Crônicas na barca Juazeiro-Petrolina

Juazeiro - Ba  
2020





*Para Francisco e Joana*





## Sumário

Apresentação 11

Memórias do Velho Chico 13

Um rio de muita fé 21

Um dia de marinheiro 29

Pedro, o Baixinho 37

Joinha 43

Luciana, a Maria das cocadas 49

A barca é o meio e a mensagem 57

Folia na Barca 65

Ponto de encontro 71

A poesia do silêncio 75

A queda 83

Entrelinhas 89

A sereia da margem 95

Vestígios 101

No controle 107

A cor da culpa 113

O que a fotografia revela 119

História de Pescador 125

O rio é abrigo 133

Joana D'arc, heroína do cotidiano 139





## Apresentação

Fiquei fascinada quando vi pela primeira vez o Rio São Francisco. Não o conhecia direito. Só o sentia. "O ciúme lançou sua flecha preta", lembrei da canção forte de Caetano Veloso, que não passou incólume por aqui. Isso aconteceu no final da década de 90.

Quando me mudei para Juazeiro, em 2010, a mesma sensação me deu quando da ponte Juazeiro-Petrolina olhei o rio. Quanta gente passou por aqui: indígenas, quilombolas, pescadores...quanta história, quanta cultura submersa nas duas margens.

O que o presente nos traz dessas narrativas? A barca é capaz de revelar essa história mágica e trágica desse pedaço do Rio? Essa busca de Andréia Luciana nos remete a este elo perdido com nossa história, mesmo sendo tão cotidiana. Mostra nos rostos dos que transitam a alma dos ancestrais. A dificuldade de um povo negligenciado historicamente. As formas de sobrevivência e o apego a vida e ao rio. Um livro de crônicas do cotidiano, jornalístico sim, mas da alma também.

Essas crônicas falam de gentes e de travessias. Uma travessia que não se interrompe, contínua, para um lugar de equidade. Foi assim que li estas páginas e convido o leitor a buscar o sentido pessoal deste trajeto.

Márcia Guena 20/02/2020





## **Memórias do Velho Chico**

Dos olhos de Francisco Assis escorre em forma de lembranças, o rio que leva o seu nome. O encontro entre os dois Chicos — o homem e o rio — aconteceu em 1950, quando carregando no sangue o manancial da resistência, o menino piauiense do Quilombo Escondido, chegou em Petrolina. Ao lado da mãe Maria de Lourdes e do pai Antônio Cassimiro, o pequeno imigrante foi trazido pela perspectiva de uma vida mais próspera na cidade ribeirinha.

A memória da primeira residência localizada na Rua do trabalho, bairro Atrás da Banca, atravessa o São Francisco onde ele diariamente ia buscar água, porque naquele período não havia ainda rede de abastecimento na cidade. No trecho que hoje corresponde a Orla 2, muitas lavadeiras faziam da margem fluvial o quintal da própria casa. Ali, Chico, o menino, pegava a água ofertada abundantemente pelo Chico rio e a levava para casa em duas latas. Ao trazer de volta a memória desse momento de sua vida, o idoso se vê ainda menino equilibrando no

corpo miúdo os dois galões que carregava ao longo dos 800 metros compreendidos entre o rio e sua residência.

A relação entre os dois Franciscos — rio e homem — se aprofundou ainda mais quando aos 12 anos, Chico Preto, como é carinhosamente chamado pelos amigos, abdicou da infância para se tornar adulto antes do tempo. Ao ter sido repentinamente visitado pelo abandono paterno, assumiu ao lado da mãe a chefia da família. Desde então, se tornou para os 3 irmãos, o pai que o seu pai não soube ser. Aluno destaque do Instituto São José — escola em tempo integral que ofertava cursos profissionalizantes de tecelagem, mecânica, sapataria e marcenaria — o menino Francisco se viu obrigado a interromper os estudos para não ver a fome afligir aqueles que amava.

Para suprir as necessidades básicas da família, Chico, o quilombola piauiense, fez das águas do Velho Chico, uma fonte de renda. Lavando carros de boiadero no cais pernambucano em 1958, testemunhou as cenas célebres da história ribeirinha enquanto nela se escrevia. O garoto de doze anos limpava os caminhões que traziam de Vitória de Santo Antão, Caruaru e Recife,



mercadorias como: açúcar, farinha e cachaça. Além de fazer a limpeza dos veículos que retornavam para a outra extremidade do estado carregados de bois, o pequeno trabalhador também forrava com areia a carroceria destes carros para evitar que o gado escorregasse durante o seu transporte.

Navegando nas lembranças do homem de 73 anos estão os profissionais que participaram ativamente do comércio em Petrolina no final da década de 50. Entre eles, destaca-se os tangirinos, grupo de trabalhadores oriundos de São João do Piauí. Conduzindo pelas vias terrestres os bois que da cidade pernambucana eram levados para outras regiões, estes homens marcaram o movimento financeiro da cidade.

Álbum de fotografias, a memória do velho que se fez ribeirinho é um acervo histórico do protagonismo do rio na cidade pernambucana. Nela estão as imagens de eventos, pessoas e da vida que se desenvolveu às margens do São Francisco. No porto, onde trabalhou um ano lavando carro, viu várias vezes a ponte Presidente Dutra - que liga Petrolina e Juazeiro - subir para os vapores passar. Em alguns desses flashbacks, Francisco se vê revivendo a emoção de estar

atravessando a construção no momento em que era levantada manualmente por quatro operários.

Os seus olhos de ex-trabalhador do cais capturaram imagens que jamais serão apagadas. No retrato do porto, que emocionalmente colou em seu álbum de memórias, vê o carpinteiro Diamante construindo os paquetes que navegavam pelo São Francisco ao lado dos vapores. Em outras fotografias, o assunto enquadrado é o seu tio avô Manoel Marciano, foguista do Vapor de Carga Euclides da Cunha. Em algumas das folhas de seu livro de lembranças, é o próprio Francisco que aparece como passageiro nas procissões fluviais realizadas em homenagem ao Bom Jesus dos Navegantes e no trem que passava pela ponte na década de 60.

Foi no rio São Francisco que o menino Francisco encontrou a primeira oportunidade de ganhar dinheiro com o próprio trabalho. Na trajetória profissional iniciada nas águas escorre o suor dos anos trabalhados em padaria e transborda o sentimento de realização pela carreira de sucesso conquistada na área de construção civil. Abrindo por vias terrestres as estradas que ligam os mundos, se tornou fiscal de serviços



rodoviários do Departamento de Estradas e Rodagens de Pernambuco-DER.

Funcionário Público aposentado, Chico Preto, o garoto negro do Quilombo Escondido, considera o trabalho uma diversão. Lamentando não poder mais atuar profissionalmente por causa das sequelas de um Acidente Vascular Cerebral sofrido em 2017, o velho imigrante comemora a dupla sobrevivência. Antes de vencer a morte quando foi acometido pelo derrame, já tinha sido um vencedor na vida. Superando a fome, o abandono paterno e as dificuldades de ser um homem negro em um país racista, Francisco de Assis é a exceção da regra.

Sentado na poltrona marrom de onde narra a sua história, Chico, o idoso que por tão pouco tempo foi menino, tenta controlar as lágrimas que marejam seus olhos. De instante em instante, faz uma pausa na fala para retomar com força a sua narrativa. O homem, que hoje reside no bairro São José com a esposa Joana D'arc, teve quatro filhos petrolinenses para quem deu todo o amor que não recebeu do pai. Nos brancos de seus cabelos crespos, a vida conta histórias. Em muitos desses fios correm as águas de um outro Francisco, o rio que lhe acolheu como

filho e que inevitavelmente transborda em seus olhos em forma de lembrança.







## Um rio de muita fé

De olhos cerrados, a mulher navegava nas águas da fé enquanto a barca lhe transportava de Juazeiro para Petrolina. A despeito dos ruídos externos, imergiu em si mesmo e se deixou levar pelas correntezas do sobrenatural. Dos seus lábios saíam palavras mudas e balbucios quase incompreensíveis se repetiam incessantemente acompanhando o movimento dos dedos que suavemente deslizavam pelas contas coloridas do rosário.

Ao redor da barca, o crepúsculo anunciava a hora da Ave Maria. A passageira rezava o terço das seis horas sobre as águas de um rio batizado com nome de santo e em uma embarcação que leva na proa o misticismo das carrancas, figuras antropomórficas que protegem os barqueiros dos naufrágios e maus espíritos.

Emanado da margem petrolinense, um cântico foi trazido pelo vento para dentro da embarcação. Acompanhado pelo som de chocalhos e palmas, as vozes entoavam homenagens a rainha do

mar. *“Eu pisei na pedra fria e fiz a Mãe d’água chorar. Sou eu, Mãe d’água, que balança o mar... Iemanjá, para mim, ela é Odoiá. Iemanjá, para mim, ela é Odoiá.*

Embaladas pela correnteza, flores brancas e amarelas levavam pela fé, os pedidos e agradecimentos daqueles que na beira do rio buscavam a bênção de Janaína. No cais, o aroma de alfazema evaporava dos balaios de oferendas cuidadosamente organizados por pessoas trajando indumentárias azuis e brancas. Sobre elas repousava o olhar sereno de dona Francisca, a mãe Quinha do terreiro Abassé Ogum de Ronda. A sacerdotisa sexagenária e seus filhos acreditam que todas as mensagens e presentes ofertados a Iemanjá serão entregues por Oxum, deusa do rio.

É pelas águas do Velho Chico que os mistérios da fé ribeirinha navegam. Em seu curso também passam a memória e os encantos dos povos originários, como os Truká, indígenas da ilha da Assunção, situada a 183 km de Petrolina. A vida na aldeia Truká é regida pelos encantados, espíritos ancestrais associados a elementos da natureza. São eles, por intermédio dos mestres e juremeiros, que



orientam a comunidade, fazendo perpetuar seus costumes e tradições. Para o povo Truká, a Mãe d'água é o encantado do Rio São Francisco.

Originalmente chamado de Opará pelos seus primeiros navegantes, os índios, o rio tornou-se São Francisco quando colonizadores europeus introduziram a fé cristã em suas águas. Batizando com novo nome, um curso de águas que já tinha sido batizado, o navegador italiano Américo Vespúcio iniciou o processo de apagamento da identidade dos povos originários.

O rio cujo nome homenageia o santo católico protetor do animais é o mesmo rio-mar que na cultura indígena já era a morada da Mãe d'água e que se tornou com a herança negra, o palácio de Oxum. Embora as comunidades ribeirinhas possuam como base de sua religiosidade a diversidade de credos, a intolerância religiosa enquanto efeito da dominação eurocêntrica é sentida até hoje.

Os olhos plácidos de mãe Quinha já viram seu terreiro ser consumido pelas chamas do ódio. A anciã teve o barracão incendiado por vizinhos que nunca aceitaram a sua fé. Foi preciso erguer das cinzas uma casa de candomblé distante da ira de quem

não conseguia entender e respeitar as religiões de matrizes africanas. Infelizmente é impossível fugir do preconceito estruturado no imaginário coletivo quando pouco se faz para combater a intolerância.

Na cidade baiana, onde 73% da população é negra, candomblecistas são constantemente perseguidos. O terreiro Ilê Abasy de Oiá Gnan da mãe Adelaide é uma das casas de axé que mais sofrem violações em Juazeiro. O lugar já foi invadido, apedrejado, teve os móveis destruídos e as paredes rabiscadas com imagens da cruz. A mesma cruz que simboliza o amor na fé cristã foi desenhada nas paredes do terreiro como um reflexo do pensamento supremacista de quem demoniza todas as crenças que não estão galgadas em princípios judaico-cristãos.

Quando o preconceito se cristaliza no pensamento popular, até as obras de arte se tornam alvo de intolerância. A escultura da Mãe d'água colocada no lado petrolinense do rio e a estátua do Nego d'água localizada na margem juazeirense, já protagonizaram polêmicas que revelam o quanto a consciência coletiva ainda é moldada por uma concepção de mundo colonialista.

Em 2015, o Ministério Público



Federal recebeu petição de pastores evangélicos de Petrolina para que fossem retiradas do rio as figuras do folclore ribeirinho de autoria do artista Lêdo Ivo. Neste mesmo ano, a estátua da Mãe d'água também foi responsabilizada pela seca e pela falta de chuva na região. A declaração feita por um parlamentar durante sessão na Câmara de Vereadores da cidade gerou incômodo em representantes do Candomblé que lamentaram a postura preconceituosa do vereador.

Em uma sociedade que tem como base da sua formação o apagamento cultural de indígenas e afrodescendentes, o exercício da fé dos não-cristãos é um ato de resistência. Navegar nas próprias crenças, para estes, significa estar constantemente sobrevivendo as chamas do ódio e as pedradas da intolerância. Apesar dos inúmeros ataques do qual já foi vítima, mãe Quinha entende que a demonização do candomblé é consequência da ignorância e do desconhecimento da sua essência.

A moça cristã, que reza o terço na barca, cerra os olhos e imerge nas profundezas da fé com o conforto de quem sabe estar segura. A experiência religiosa que

vivencia na travessia não lhe representa perigo algum, por isso mesmo se entrega a própria espiritualidade a despeito das pessoas ao redor. Ao contrário dela, os candomblecistas que fazem oferendas a Iemanjá na beira do rio, nunca puderam desfrutar do privilégio de vivenciar em público as próprias crenças sem serem julgados ou ofendidos. Esses são os que aguardam o dia em que no rio da fé possam navegar de olhos fechados, sem medo de ter o barco naufragado pelas tempestades do preconceito.







## **Um dia de marinheiro**

Ao contrário do que se imagina, a travessia não começa no cais, quando ao som da última buzina de alerta, a barca se afasta de uma margem para alcançar a outra. A trajetória do ir e vir pelas águas das cidades-irmãs se inicia na memória de quem diariamente tem o rio como manancial que desemboca na mesa em forma de pão.

A jornada da travessia começa no sono interrompido do cobrador da barca ao despertar de madrugada para garantir que os primeiros passageiros sejam conduzidos aos seus destinos. Todo dia, antes do sol despontar no céu anunciando mais uma manhã ensolarada no sertão, o pequeno homem chega ao cais juazeirense pedalando em sua bicicleta barra circular azul.

No relógio, os ponteiros marcam quatro e meia, instante que o marujo começa a preparar o barco para mais uma jornada diária. Sob o céu ainda escuro, ele posiciona o veículo no cais e com exímio olhar de marinheiro verifica se tudo está em ordem antes de se acomodar na cabine para aguardar os

primeiros passageiros que farão a travessia às seis da manhã.

Acostumado com a rotina de trabalho sobre as águas do São Francisco, Edgar José Fernandes, o cobrador de uma das embarcações que realizam a travessia entre Petrolina e Juazeiro, por muitos anos de sua vida fez do rio fonte de sobrevivência e morada. Como um peixe que durante a piracema nada contra a correnteza para garantir a perpetuação da espécie, Edgar navegou de Poço Redondo, em Sergipe, até o sertão baiano em busca de uma vida mais próspera.

Quando subiu o rio na expectativa de dias melhores, o marinheiro sergipano levava a bordo dos seus dezenove anos de existência, a memória da infância ribeirinha precocemente interrompida. Edgar quase não frequentou a escola, porque aprendeu desde cedo que trabalho é prioridade na vida de quem não tem o privilégio da escolha. Aos oito anos, trocou as letras por uns trocados que recebia ao vender madeiras colhidas perto de casa e com catorze, iniciou a carreira de navegador, ofício que exerce orgulhosamente até hoje.

O velho marujo desembarcou em



Juazeiro em 1967, década em que o cais baiano era intensamente movimentado pelos vapores que transportavam mercadorias e pessoas para as demais cidades ribeirinhas. Ao relembrar o início da sua trajetória no sertão, Edgar encara nas próprias lembranças, a versão jovem de si mesmo quando trabalhava nas embarcações descarregando os produtos que eram comercializados de porto em porto no São Francisco. A rota da sua vida foi traçada sobre águas, onde desenvolveu as habilidades que o tornam um exímio navegador, pois como marinheiro autêntico faz de tudo um pouco a bordo das barcas.

Além de conhecer bem os trechos navegáveis do rio, o que considera indispensável a qualquer um que deseje se aventurar nas correntezas do Velho Chico, Edgar pilota - quando é necessário - , faz a manutenção do maquinário e controla o caixa da embarcação onde trabalha. Na carteira da marinha que exhibe com certa vaidade, a função de marinheiro auxiliar fluvial de máquina está registrada em códigos que o navegador sergipano não consegue decifrar, porque na vida dedicada ao trabalho lhe faltou a oportunidade para aprender a ler.

Entre risos, Edgar revela que no universo das letras aprendeu apenas a escrever o próprio nome. O marinheiro que não consegue ler os avisos e orientações expostas na barca onde trabalha, passa o dia inteiro imerso em números. Durante a travessia recebe o valor da tarifa, passa troco agilmente, organiza as moedas de acordo com o valor, troca as cédulas e no final do expediente, às 19 horas, confere se o dinheiro do caixa corresponde ao número de passageiros registrados na catraca.

Foi navegando no São Francisco que Edgar Fernandes, contrariando o coração de marinheiro, se deixou fisgar pelos encantos de Maria Tiburtino, cozinheira de uma das embarcações que trafegavam no rio na década de 1970. Juntos há 46 anos, o casal que passou os primeiros meses do matrimônio morando no barco onde trabalhavam, hoje divide uma casa no Angari em Juazeiro.

Aos 72 anos, o navegador de Cajueiro, Poço Redondo, ainda vive uma rotina dedicada prioritariamente ao trabalho. Cumprindo jornada de quase 50 horas mensais na travessia, Edgar complementa os dois salários que recebe como cobrador fazendo hora extra nos feriados. No cotidiano



sobre as águas, o cansaço é suavizado pelos momentos descontraídos que compartilha com os colegas de profissão. Assim, de um porto a outro, um dos mais antigos marinheiros da história da navegação em Juazeiro vai se escrevendo na memória da terra que lhe acolheu como filho.

Enquanto aguarda o pedido de aposentadoria ser deferido, Edgar Fernandes continua protagonizando uma história cujo enredo é o trabalho. Quando a barca atraca no cais após a última viagem do dia, o cobrador abre o caixa e começa a contabilizar as cédulas e moedas. O olhar atento sob os óculos acompanha o movimento ágil dos seus pequenos dedos. Ao encerrar o expediente, o marinheiro de um metro e meio que nunca tira o boné da cabeça, monta na bicicleta e pedala de volta para casa.

Questionado sobre os planos para a futura vida de aposentado, Edgar surpreende ao revelar a pretensão de continuar trabalhando nas barquinhas, pois calcula que o valor da aposentadoria não será suficiente para manter todas as despesas da casa. Na saga da sobrevivência, o direito ao descanso é quase uma utopia para o navegador septuagenário que desde criança vive para o

trabalho.

Pedalando até o Angari, o operário da hidrovía faz a breve trajetória de volta para casa, o forte onde edificou sua família com a esposa e os dois enteados. Mais uma vez despertará às quatro da manhã para fazer funcionar a engrenagem da travessia entre Juazeiro e Petrolina. A narrativa de vida que construiu navegando no São Francisco coincide com a história das cidades que se desenvolveram a partir do rio. Edgar, o marinheiro trazido da foz é também personagem de um livro que diariamente é escrito pelo protagonismo das águas.







## Pedro, o Baixinho

Tem gente que vive da travessia fluvial entre Petrolina e Juazeiro mesmo não atravessando com a barca. Gente, que por ser passagem para a outra margem, se escreve diariamente na história ribeirinha. No fluxo de um porto a outro, uma figura ilustre transita sem precisar estar a bordo, pois é levado e trazido pela correnteza da memória dos passageiros, marinheiros e daqueles que passam pelo cais pernambucano.

O homem, cujo nome ninguém no porto sabe, é Pedro Erivaldo, o vendedor de picolé que todos conhecem por Baixinho. O petrolinense de um metro e meio de altura é o tipo de pessoa que antecipa a existência se lançando para dentro dos olhos dos outros. Antes de ser visto, o trabalhador do cais acena para os transeuntes, os cumprimenta e os convida para descansar na modesta barraquinha que ele mesmo fez.

Dos 45 anos que carrega no pequeno corpo, 20 foram vividos na parada das barquinhas. Trabalhando de segunda a sábado na margem

petrolinense do São Francisco, o Baixinho é parte da travessia. Quem atravessa para Juazeiro ou retorna para Petrolina pelo rio, inevitavelmente passa por ele, que faz questão de oferecer picolé, sombra, água e uma conversa descontraída.

Pedro fez do Velho Chico o seu escritório. Preferiu fixar o carrinho de picolé no cais mesmo acreditando que nas ruas as vendas são maiores, pois como um autêntico ribeirinho é apaixonado pelo rio. Ao falar sobre o que mais gosta em seu trabalho, prontamente responde: — Estar sempre em contato com a natureza, vendo o rio. Comendo um peixinho assado de vez em quando. É legal.”

Residente do bairro Terra do Sul, periferia de Petrolina, o Baixinho percorre sete quilômetros de bicicleta até chegar na sorveteria onde presta serviços. Lá, ele pega o carrinho de picolé, amarra no veículo e se dirige até o porto. Trabalhando nas margens do rio desde março de 1999, nunca recebeu um carimbo na carteira de trabalho. Sem férias, décimo terceiro e outras garantias, tenta garantir a própria sobrevivência e a dos três filhos com os 30 reais que recebe por dia.

Caçula de um casal cearense que teve



10 filhos, o Baixinho foi criado pela tia, por quem também nutre o amor materno. O vendedor de picolé, que adora um trocadilho, lê e escreve menos do que gostaria, porque precisou trocar os estudos pelo trabalho quando tinha nove anos. Apesar de ter frequentado pouco a escola, é ágil com cálculos e tem uma ótima memória. Sem fazer qualquer tipo de anotação, ele vende fiado a muita gente que passa pelo cais. Surpreendentemente, consegue lembrar tanto de quem lhe deve, quanto do valor de cada dívida.

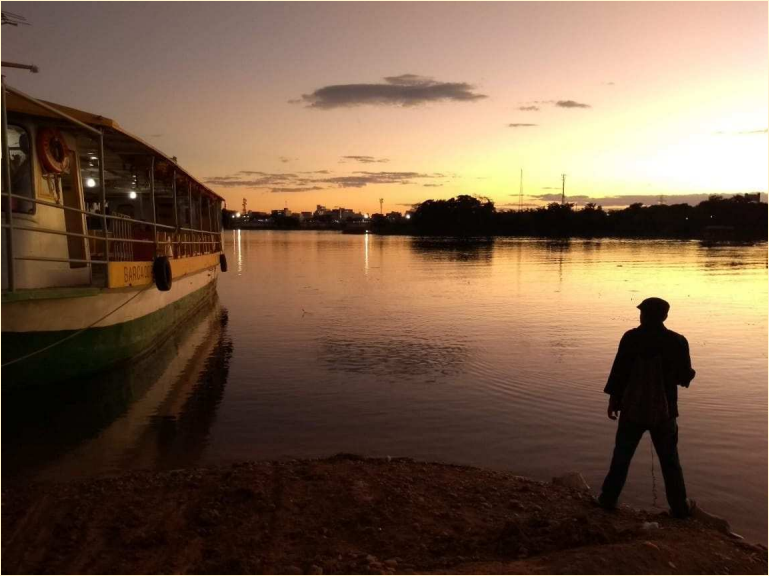
Com Pedro a gente aprende que a vida no cais é tecida a base de cooperação. A barraquinha que fez sozinho, é sua, mas também é de todos: do passageiro que espera pela barca, do pescador que aguarda a hora do peixe e do marinheiro que descansa entre uma travessia e outra. Feita com estrutura metálica e paredes de banners, a cabana abriga o seu dono e uma parte do mundo. Pedro, o Baixinho, compartilha com quem passa, os dois assentos de madeira que ganhou de um barqueiro, fazendo assim, de seu espaço particular, um lugar coletivo. Até o almoço, que consegue nos restaurantes trocando moedas por notas, é também dividido

com os colegas do porto.

O Baixinho não é só um vendedor de picolé, mas um sujeito que faz de tudo um pouco e um pouco de tudo. Com senso ambientalista, foi ele quem ajudou a plantar as árvores do porto e é dele o único cesto de lixo do cais. Um tanto marinheiro, é ele que faz a troca de moedas das barcas. Um pouco empreendedor, comercializa os peixes trazidos pelos pescadores. Quase um salva vidas, também já resgatou das águas do São Francisco duas mulheres que se afogavam.

Da miudez da sua estatura, o Baixinho revela uma existência gigante, pois é o tipo de pessoa que se faz enxergar dividindo o pouco do que tem com quem tem menos ainda. Lançando os olhos no rio enquanto se lança nos olhos dos outros, Pedro atravessa para margem baiana e retorna navegando pelo rio nas águas perene da memória ribeirinha.







## Joinha

Todo fim de tarde, quando o sol faz do céu sertanejo uma pintura de tom vermelho-alaranjado, ele aparece na margem petrolinense do rio. Cabelos grisalhos sob o boné, óculos escuros, camisa xadrez e celular na cintura, o senhor de não mais que um metro e sessenta de altura estaciona a sua moto embaixo de uma das poucas árvores do cais e senta nos banquinhos improvisados como se estivesse a esperar pela barca. Não está.

O homem, José Reinaldo Rodrigues de Santana, conhecido no porto como Joinha, é pescador e amante do rio São Francisco. Nascido em Juazeiro, residiu a vida toda em Petrolina, o que justifica a preferência pelo município pernambucano e a confusão identitária ao mencionar a própria naturalidade. Atrapalha-se ao dizer a cidade de origem porque uma é o seu berço e a outra seu lar. O velho pescador é de Juazeiro tanto quanto de Petrolina.

Menino do rio, seu Joinha cresceu na ilha do Coqueiro, zona rural de Petrolina, onde recebeu da

família o legado da pesca, atividade que desenvolve até hoje. Nas margens do São Francisco, escreveu a história de sua vida, que é também uma narrativa de amor pelo rio. Reconhecendo-se como pescador desde a mais tenra idade, relembra a infância ribeirinha como um período em que as águas eram o quintal de casa e o anzol brinquedo de pegar peixe.

Neto e filho de pescadores, aos oito anos de idade, o menino da ilha já navegava no Velho Chico orientando-se pelos sinais da natureza. Aprendeu com a vida ribeirinha não somente a dominar o anzol, a tarrafa e a rede, mas a interpretar a voz do meio ambiente, que lhe sopra no ouvido qual dia é de peixe, pois segundo a sua sabedoria “não é o dia todo que se pesca, nem todo dia é dia de ir para o rio”. Foi assim, navegando guiado pela lua e estrelas, que realizou o maior feito de sua carreira: pescou um surubim de 35 quilos, ao qual se refere com imenso orgulho jurando não se tratar de uma história de pescador.

Das suas memórias, seu Joinha retira os fragmentos saudosistas de uma época em que havia peixe em abundância no rio São Francisco. Nesse período, antes de ser construída a barragem de Sobradinho, na



Bahia, costumava pescar muito mais do que conseguia vender. Lembra que depois de uma noite de pesca, retornava para casa com uma quantidade tão grande de peixe que era preciso doá-los aos vizinhos e amigos. Hoje lamenta não conseguir capturar mais do que cinco quilos por noite.

O pecador da ilha do Coqueiro relaciona a diminuição do volume de pescado a dois fatores: a construção da hidrelétrica, que segundo ele, interrompeu a migração natural dos peixes e a pesca predatória no período de defeso da piracema. "Tem gente que é ignorante e não zela da natureza. Se todos fizessem como eu faço, não pescar na piracema, acho que a produção de peixe ia crescer e muito".

Seu José Reinaldo, o Joinha, gosta de conversar sobre aquilo que ama fazer: pescar. Com brilho nos olhos, explica pacientemente a sua jornada de trabalho, que consiste em pernoitar no rio durante a lua cheia e crescente, consideradas as fases ideais para a pesca. A saga em busca do peixe começa no crepúsculo quando arma as redes em um trecho favorável do rio e só termina ao amanhecer depois que recolhe tudo o que pescou. Nesse intervalo de tempo, ele ancora

o barco nas regiões rochosas, onde aproveita para cozinhar e descansar.

Carregando na linha da vida os encantos e os mistérios do São Francisco, seu Joinha assegura com o próprio testemunho, que os personagens das lendas ribeirinhas são tão reais quanto o rio. Sustentando um semblante sério de quem está convicto do que diz, afirma ter sido perseguido duas vezes pelo Nego d'água quando era adolescente. Descrito como um híbrido de humano e anfíbio, a figura mítica que habita nos rios e faz traquinagens com pescadores apareceu pela primeira vez para o jovem enquanto ele se banhava nas águas que cercam a ilha do Coqueiro, depois voltou a lhe assombrar prendendo a sua embarcação no meio do rio durante uma pesca que realizava com o pai.

Da vida ribeirinha na ilha, o pescador sexagenário herdou também o respeito pela natureza e o amor pelo rio, mas o seu olhar de admiração se transforma rapidamente em tristeza ao mirar a poluição na margem petrolinense, onde as baronesas — vegetação aquática que se alimenta da matéria orgânica dos esgotos — se multiplicam indicando a presença de impurezas nas águas. “A baronesa está aqui hoje por causa dos esgotos



que descem no afluente. Aqui a gente não pode tomar um banho, nem beber essa água porque é suja”. Lamenta o senhor que sempre foi um menino do rio.

Casado há 35 anos, seu Joinha divide a vida entre a ilha e a cidade. Apesar de ter adquirido uma casa na zona urbana onde criou seis filhos, nunca se ausentou do lugar que considera o seu verdadeiro lar. Como um peixinho sufocando fora da água, está sempre aos arredores do rio. Mesmo no período da Piracema, ele se desloca todos os dias para o cais petrolinense onde é conhecido e respeitado por barqueiros, pescadores mais jovens e toda a gente do porto.

Toda tarde, aproximadamente às 17 horas, ele chega na parada das barquinhas no lado pernambucano do rio. José Reinaldo, o menino do ventre de Juazeiro e dos braços de Petrolina, o senhor que está sempre admirando o Velho Chico em um dos banquinhos improvisados do cais, é seu Joinha, o pescador da ilha do Coqueiro. Dos seus olhos azuis, onde o alaranjado do pôr do sol se reflete, o amor pelo rio desagua. “Eu amo o rio como eu amo o meu Deus.” O rio é minha vida. É tudo pra mim. É minha vida”. Encerra a conversa enquanto enxuga as lágrimas.





## Luciana, a Maria das cocadas

Há pessoas para quem as palavras são pontes. São aquelas que se deixam escrever na história de outros. É o caso da moça que vende cocada em duas das cinco barquinhas que realizam diariamente a travessia entre Petrolina e Juazeiro. Sempre sentada na primeira cadeira da embarcação, a sua presença não passa despercebida pelos passageiros que apressadamente atravessam a roleta para aguardar a travessia no lado do barco em que faz sombra.

A vendedora de cocadas se comunica antes mesmo de verbalizar, pois com olhos e sorrisos recepciona quem chega e se despede de quem parte. Quando a barca inicia a jornada, ela se levanta, coloca a bandeja na cintura e de maneira quase recitada, oferece os doces que são o sustento da sua família. “Boa tarde a todos. Desculpa estar incomodando a cada um de vocês. Meu nome é Luciana e estou vendendo essas cocadas caseiras para dar o sustento aos meus filhos. Poderia nos ajudar?” Consciente de quem é, a moça paulista faz

questão de se apresentar logo no início da fala. Maria da cocada, como alguns a ela se refere, tem nome e identidade.

Luciana é mulher negra residente do bairro Santa Luzia, periferia de Petrolina. Natural de Elias Fausto, interior de São Paulo, encontrou nas margens do São Francisco, o porto seguro para viver. Mãe de quatro filhos, Alan (18), Tayrone (15) Valsenar (13) e Carlos Eduardo (1), é mais uma Maria para quem a vida não foi fácil. Ao perder os pais aos oito anos de idade, viu a sua história mudar completamente. Sem a proteção familiar, o seu lar e dos seus sete irmãos passou a ser a SOS Criança, instituição de acolhimento de menores em situação de risco. Os constantes maus tratos sofridos na unidade a fizeram fugir e buscar na rua o aconchego do lar que perdeu e a segurança que o abrigo não lhe dava. Nas nas vielas frias de São Paulo, onde passou três anos, Luciana conheceu Adelino, caruaruense com quem está casada até hoje.

Ao relembrar os fragmentos tristes de sua história, a vendedora de cocadas trata logo de dizer que o mundo lhe ensinou muito e que as coisas ruins devem ser deixadas para trás, pois só se deve guardar o que foi bom.



Realmente, o mundo lhe ensinou bastante. Ensinou a estratégia da sobrevivência em um país onde ser mulher preta significa ter mais chances de ser assassinada, de sofrer violência doméstica e obstetrícia e de ter menos acesso à educação. O Atlas da Violência mostra que em 2017, 68% de todas as mulheres assassinadas no país eram negras. O documento revela ainda que no período de 2007 a 2017, a taxa de homicídios de mulheres negras no Brasil cresceu 29,9%, percentual seis vezes maior do que a taxa de homicídio de mulheres não negras, cujo crescimento foi de 4,5%.

Luciana, a Maria das cocadas, conhece bem as mazelas do racismo na vida de gente preta. Em uma das conversas de idas e vindas da barca comentou que “negro só aparece na televisão quando é morto, preso ou apanha”. Ela sabe porque também sente o efeito da discriminação na pele, como no dia que apareceu na barquinha com o cabelo natural e ouviu dos passageiros comentários desagradáveis. “Ih, a cocada está esquisita sem as tranças”.

Apesar de ter interrompido precocemente os estudos, a imigrante paulista continua aprendendo com a vida o que nem sempre a

escola ensina. Dentre as inúmeras coisas que Luciana aprendeu a fazer com o mundo, como recomeçar a vida longe da terra natal, perpetuar a receita de cocada da bisavó, calcular o valor que cada doce precisa ser vendido para retirar os 26 reais diários de lucro, sobreviver as estatísticas que lhe colocam como alvo preferencial da violência, a que mais impressiona é a sua capacidade de apesar das adversidades se deixar navegar nas vidas que por ela passa. “Eu gosto de conversar com o povo. Eu sei quando os meus passageiros estão tristes, de tanto que convivo com eles. Eu gosto de estar na rua, eu gosto de estar com o povo. Se ficar em casa eu adoço.”

Luciana se faz ponte para chegar as pessoas. É fácil de conversa. Fala sobre o clima, sobre cabelo, sobre as meias que usa por causa da trombose nas pernas, reclama do lixo que as pessoas jogam no rio, fala do lado que faz sombra quando a barca manobra no início da travessia, fala de Deus, fala de si. Solícita, às vezes até desce da barca para procurar no cais o que o passageiro precisa. Quando retorna sem sucesso lamenta como se a culpa fosse sua: “não tinha não abençoado, desculpa, só vai achar água lá em



cima”.

Aos 37 anos, Luciana está à espera do seu quinto filho. Grávida de três meses, a maternidade não lhe assusta, pelo contrário, fortalece. Alan, o primogênito, nasceu dentro do transporte coletivo em São Paulo, onde ela vendia doces. Apesar da perda precoce dos pais, a Maria das cocadas tenta proporcionar as suas crianças, o amparo e orientação familiar que não teve. Orgulhosa das conquistas alcançadas apesar da trajetória difícil, diz não ter vergonha da sua história, pois todo o esforço de seu trabalho é pensando no futuro de seus filhos.

A Paulista que há quatro anos fez da região do São Francisco o novo lar, veio com a família para Petrolina conduzida pela promessa de emprego que Elias, seu marido, recebeu. Aqui, Luciana tornou-se um pouco pernambucana e um tanto baiana. Ao final do dia ela não vai embora para casa sem antes devorar o acarajé apimentado que é vendido no cais juazeirense. Nesse momento, dá uma pausa nas vendas, senta na barca e como qualquer outro passageiro apenas atravessa saboreando a iguaria que mais amou na culinária nordestina.

Trabalhando de terça a domingo na

travessia, a moça das cocadas vai se costurando na memória ribeirinha e se tornando sertaneja de merecimento. O rio São Francisco é seu emprego e também uma segunda morada já que passa maior parte do dia sobre as águas. “Aqui é minha casa, eu tomo café, almoço e merendo”. Na artéria que atravessa as duas cidades, ela é a pescadora de gente. Luciana é a Maria das cocadas, mas poderia muito bem ser a Maria das palavras, não dessas que chegam aos olhos através dos livros e das lições da escola e que muitas vezes não faz sentido algum, mas daquelas que surgem dos encontros da vida e das lições do mundo e que por isso mesmo fazem todo sentido.







## ***A barca é o meio e a mensagem***

Todo dia é dia de travessia fluvial entre Petrolina e Juazeiro. E toda travessia é acompanhada dos elementos que a torna aquilo que ela é: uma experiência comunicativa e sinestésica. Gostos, cheiros, sons, imagens e texturas se mesclam na memória daqueles que diariamente passam pelo cais.

Os dias no porto tem o tom alaranjado de um sol que se despede fazendo arte no céu, o que justifica ter sempre alguém a bordo da barca e na margem do rio fotografando o crepúsculo. O tempo no cais transcorre nas ondas sonoras dos muitos sons que ali se cruzam. O barulho extravagante do motor da embarcação, a melodia das canções de sofrência tocadas nos bares ao redor, o gargalhar zombeteiro dos pescadores, o ruído das conversas sussurradas durante a espera do barco e os gritos estridentes dos vendedores compõem a sinfonia cotidiana na travessia.

Na barca, a gente mira o mundo e o mundo nos olha de volta. Quase todo passageiro da

travessia espia a vida pela janela da tecnologia. Em posse dos seus smartphones navegam nas águas do rio e da internet, rede onde pescam informações enquanto se deixam pescar. Registram, editam, postam e compartilham para o mundo a beleza da vida ribeirinha. Assim, nossa existência ultrapassa as fronteiras geográficas e se revela para o mundo.

A travessia é um fenômeno comunicativo que tem as embarcações como meio e mensagem. Levando gente, memórias e símbolos, as barcas são veículos que informam tanto quanto transportam conteúdo de uma margem a outra do rio. Os barcos que realizam o transporte fluvial nas cidades-irmãs estão cheios de dizeres. Dizem o que intencionalmente querem falar e falam o que nem imaginam dizer.

No universo flutuante da travessia, as coisas são ditas nas cores, nas palavras, nos sons e nos aromas. A própria existência dos barcos na paisagem local evocam a memória e a história da região. Carregadas de simbologia, as barquinhas têm identidade própria. Algumas possuem nome de gente e de santo: Núbia, Smirna, Santa Maria. Outras levam no casco homenagens ao Velho Chico:



Nilo Brasileiro, Rio Opará.

Somos imersos em um fluxo sinestésico de informações antes mesmo de estarmos a bordo. De longe, ouvimos a buzina do marinheiro indicando que a barca está prestes a sair e aceleramos os passos. Ao nos aproximar, enxergamos as carrancas presas na proa do barco comunicando imageticamente o folclore e a arte popular. Esculpidas em madeira por artesãos ribeirinhos, a figura mítica de feições antropomórficas nos remete a história da navegação no São Francisco. Surgido no final do século XIX nas comunidades sertanejas que margeiam o rio, o artefato era tradicionalmente usado por barqueiros como proteção contra maus espíritos, naufrágios e seres sobrenaturais.

Uma vez a bordo, capturamos com todos os sentidos, os sentidos que nos acompanham. A cor vermelha dos assentos indica onde os passageiros prioritários devem sentar, assim como a luz do sol refletida em um dos lados revela quais assentos ficarão na sombra após a manobra da barca. Com capacidade para transportar de 60 a 100 passageiros sentados, as barquinhas variam de tamanho e cores. As maiores possuem dois

pavimentos e por essa razão são locadas para eventos culturais, confraternizações e passeios. Sobre as águas, tamanhos e formas comunicam tanto quanto as palavras.

Em cada instante dos cinco minutos de travessia, as mensagens são enunciadas. Explícita ou implicitamente. Cartazes e imagens no interior das barcas alertam: é proibido fumar, pedir esmolas, dar carona e ficar na parte frontal do barco enquanto o veículo estiver em movimento mas, sendo a barca uma amostra do mundo, sempre vemos alguém burlando as regras. O que raramente presenciamos na travessia é passageiro usando colete salva vida. Nem mesmo quem teme o rio, por não saber nadar, se arrisca na proteção, porque a incredulidade de um possível naufrágio é maior do que o medo.

Documentos importantes compõem o universo informativo das barquinhas. Exibidas em molduras, as autorizações concedidas aos barqueiros para realização de tráfego interestadual comunicam que as embarcações estão regulamentadas pela Agência Nacional de Transportes Aquaviários. Em cartaz adesivado, o símbolo da marinha expresso por uma âncora acompanha as letras e números escarlates



que dizem: “emergência fluvial- 185.” A ironia comunicativa nas barcas se traduz pela existência de um livro de reclamações que nunca teve uma linha rabiscada.

No mural da barca, o passageiro também é a mensagem. Os cabelos trançados e crespos das mulheres falam sobre empoderamento negro, os pedintes da travessia desenham o mapa das desigualdades sociais, a ausência de mulheres na tripulação revelam as relações de gênero que se reproduzem no tempo, os celulares nas mãos refletem a interconectividade promovida pelas novas tecnologias da informação, as falas solitárias e alucinadas demonstram um cenário crescente de adoecimento mental, as pessoas fardadas anunciam a dinâmica das rotinas de trabalho, os sorrisos sarcásticos traduzem preconceitos, as comidas degustadas pelos passageiros escrevem o cardápio da nossa culinária.

O fluxo comunicativo tecido diariamente no trânsito fluvial entre Petrolina e Juazeiro ilustra no cenário ribeirinho o pensamento do sociólogo canadense Marshal McLuhan, representado pela expressão “o meio é a mensagem”. A ideia por ele defendida ganha contornos mais concretos

quando se vivencia a travessia. Interpretando suas palavras enquanto parte integrante do fenômeno, assimilamos a barquinha como meio transmissor de conteúdo, à medida que também a concebemos como mensagem.

A bordo, somos as cartas abertas que uma cidade envia para a outra. No trajeto entre remetente e destinatário, lemos e somos lidos. Interpretamos e somos interpretados. Comunicamos e somos comunicados. Absorvemos e somos absorvidos. Nesse processo de ir e vir sobre as águas, as barcas que nos transportam são mais do que veículos do tráfego hidroviário. Ao narrarem sinestesticamente a história que une Petrolina e Juazeiro, exercem dia após dia, a dupla funcionalidade comunicativa característica dos meios: ser simultaneamente o correio e a correspondência.







## **Folia na Barca**

Era uma tarde atípica de domingo no porto petrolinense, onde se ouvia marchinhas carnavalescas ecoadas da margem oposta do rio. À medida que o sol se despedia do céu abrindo alas para mais uma noite sertaneja, o fluxo de carros aumentava no estacionamento do cais. Dos automóveis desciam pessoas em trajes coloridos, que no caminho para barca, se uniam aos demais transeuntes formando uma pequena multidão de foliões.

Ao contrário dos domingos comuns de travessia, em que apenas uma embarcação faz o trajeto entre as duas cidades, naquele dia, seis barcos circulavam pelo São Francisco levando passageiros de Petrolina para os festejos de carnaval em Juazeiro, pois o lado baiano do rio compartilhava com os vizinhos pernambucanos o terceiro e último dia de folia antecipada.

Na espera pela barca, o clima de festa pairava sobre a aglomeração de pessoas formada no cais. Enquanto alguns ensaiavam passinhos de dança, outros degustavam alegremente as suas bebidas. As

vozes e risos se misturavam compondo a alegria daqueles que fazem do carnaval o momento mais esperado do ano. Para eles, a folia já havia começado.

Uma vez a bordo, os passageiros foram surpreendidos pela presença de seguranças na barca e pelo acréscimo de 50 % no valor da tarifa. A expectativa do aumento nos lucros nesse período festivo acirrou a disputa entre barqueiros, fazendo com que muitos desrespeitassem a ordem de atracamento por eles estabelecida. Foi por essa razão que dois marinheiros discutiam no cais enquanto os foliões adentravam animadamente em um dos barcos.

Sob o comando do piloto, a barquinha iniciou a travessia levando pelas águas do Velho Chico um prelúdio da festa que acontecia em solo baiano. Lotada de passageiros fantasiados, o barco se deslocou no embalo da correnteza tal qual um carro alegórico desfilando na avenida. Em seu interior, pais e filhos compartilhavam a oportunidade de poder ceder aos apelos da imaginação. Caracterizados de vilões e heróis das histórias em quadrinhos, os adultos tornavam ao mundo infantil, assim como, as crianças brincavam de ser gente grande.



Em meio a algazarra, distinguiu-se pequenos grupos que lembravam bloquinhos de ruas: o bloco da Alice no País das Maravilhas, formado por adolescentes fantasiadas da personagem de Lewis Carol, o bloco infantil, composto por fadinhas, bailarinas e mini heróis da Marvel e o bloco das felinas, constituído por mulheres de meia idade usando orelhinhas de gato. No fundo da barca, um grupo de rapazes chamou atenção pelo entusiasmo. Com canecas penduradas no pescoço, carregavam a própria bebida em coolers já imaginando os preços elevados que encontrariam no local da festa.

O clima de carnaval contagiou a barca fazendo da travessia uma festa à parte. Em cada rosto resplandecia o entusiasmo em aproveitar os últimos instantes do frenezi de Momo. Mal o barco atracou no cais juazeirense, os pés seguiram apressados rumo à orla, onde as bandas comandavam a animação.

A pequena multidão subiu o cais deixando para trás dois foliões que não desembarcaram. Ambos os homens permaneceram na barquinha celebrando a festa da realidade. Um deles segurava firme o timão enquanto o outro conferia o caixa. Sem

fantasias e adereços, protagonizavam, não pela ocasião do carnaval, mas pela força do ofício, a vida de marinheiro. Preparando-se para virar a noite na travessia, como sempre acontece em épocas festivas, o piloto e o cobrador da barca acreditam que o sacrifício vale a pena.

Acostumados com a rotina sobre as águas, os marinheiros não reclamam da jornada de trabalho exaustiva durante o carnaval, pois para quem vive da travessia, a ocasião é uma oportunidade de melhorar a renda. Transportando foliões de uma margem para a outra é o mais próximo que eles chegam de vivenciar a folia. Para estes ribeirinhos, a maior diversão é a do dinheiro extra que entra no bolso quando a festa acaba.







## Ponto de Encontro

Banhando-se no lado juazeirense do rio, uma petrolinense que há vinte anos reside em Ouricuri, no sertão de Pernambuco, conversava com o vendedor de picolé do cais sobre as suas lembranças ribeirinhas. Havia retornado por ocasião das festas de fim de ano e mostrava-se admirada com algumas mudanças que encontrou. Em sua fala cheia de nostalgia, deixou escapar o sentimento que acompanha os que nascem em uma das cidadesirmãs: “Para mim é tudo uma coisa só”. Disse em referência a Juazeiro e Petrolina.

Nessa região, nascer em um dos municípios significa pertencer aos dois. Os 349 mil petrolinenses carregam a baianidade dos 217 mil juazeirenses, assim como, o contrário é igualmente verdadeiro. Juntos, compomos as duas faces da mesma moeda. As duas cidades nos parece uma, porque também formamos uma unidade. Como lembrou aquela mulher na beira do rio, a nossa casa é a soma de dois mundos. Ser uma coisa só é ser um e ainda assim ser dois, pois residimos no meio, tal

qual lembra Geraldo Azevedo em uma de suas canções: *“São dois estados de espírito, no meio fico e não nego. Navego no Velho Chico”*.

A identidade nossa é um barco ancorado no centro do rio, de onde podemos mirar as facetas de nossa essência híbrida. A gente é Pernambuco e Bahia, peba. Somos os pés sincronizados no ritmo do frevo e o gingado cálido do pagodão. Somos as letras suaves de Geraldo Azevedo e a melodia magnífica de João Gilberto. Somos o sabor do acarajé degustado com maionese e pimenta. Somos a gargalhada do Nego d'Água e os encantos da Iara. Somos dois. Somos muitos. E Somos um.

Durante a travessia há um ponto, no meio do rio, em que as barcas se encontram. Em direções opostas lembram que a gente navega no mesmo sentido levando um pouco do que somos e trazendo um pouco dos que encontramos do outro lado. No fluxo do ir e vir, a gente se constrói. Nossa existência é forjada entre margens, mas é na intersecção desses dois universos que nos reconhecemos completamente.

Para não morrer de saudades, a petrolinense voltou. E atravessou para



Juazeiro com a mesma naturalidade de quem se dirige ao quintal de casa. Nem vinte anos distante foram suficientes para fazê-la esquecer o sentimento de pertencimento aos dois lugares. Em seu momento nostálgico parecia a personificação dos versos famosos que homenageiam o intercambio entre as cidades vizinhas. “É tudo uma coisa só” disse ela como uma verdadeira filha da terra, que sabe que o rio nunca foi divisa, mas o elo que une os lados da mesma casa.



## A Poesia do Silêncio

Seria mais uma tarde comum de travessia, como costuma ser a maioria das tardes ensolaradas na margem petrolinense do rio São Francisco, em Pernambuco. Não tivesse atracado no cais um convite em forma de embarcação, seria apenas o dia se repetindo para quem todo dia faz do porto seu ponto de partida e chegada. O convite, que também era barco, parou para receber os convidados a falar e os dispostos a ouvir. “Travessia Poética”, informava o cartaz pendurado na parte frontal da barca enquanto sob ele passavam aqueles que atravessariam para a profundidade da memória e das rimas dos primeiros navegadores do rio, os índios.

A barquinha, que no momento se preparava para realizar uma navegação diferente da rotineira, fazia parte da programação do "Entre Margens", evento literário promovido anualmente pelo Sesc, que na edição de 2019 trouxe para o público ribeirinho. a produção dos povos originários. No barco adentraram primeiro os convidados, mulheres

e homens carregando no corpo a voz da ancestralidade: cocar na cabeça, maracá nas mãos, pinturas na pele e histórias na mente que em breve seriam contadas. Trazidos por correntezas longínquas, grupos indígenas Trukás (Cabrobó-PE), Pankararus (Jatobá-PE), Macuxi (Manaus-AM) e Tabajara (São Paulo-SP) encontraram-se sobre as águas para compartilhar as histórias que por mais de 500 anos foram invisibilizadas pela herança colonizadora.

Com todos a bordo, o barco distanciou-se das margens pernambucanas para levar o público ao universo das palavras. Essas mesmas palavras que ecoaram por toda a embarcação e adentraram os ouvidos dos que atentos escutavam, não puderam alcançar os tímpanos de quem recebe o mundo pelos olhos. Ali, do fundo da barquinha, sorria uma garota surda de não mais que vinte anos. Talvez o seu sorriso aberto fosse uma tentativa de se comunicar com um mundo que lhe nega a comunicação. Tantas vozes reunidas e nenhuma se fez imagem para caber nas retinas da jovem menina.

Parte integrante do público, ela não ouviu as histórias de curumim contadas pela



indígena tabajara que admitiu sentir medo de navegar nas águas sanfranciscanas,. Não pode ouvir as cantigas entoadas a Tupã, nem tampouco compreendeu a metáfora da representante Pankararu quando poeticamente disse que “o rio São Francisco chorava pelos seus olhos”. Não ouviu porque não souberam lhe fazer ouvir em sua língua. Ninguém usou as mãos para tornar a voz dos povos originários compreensível aquela moça.

Em meio as bocas que se mexiam sem nada lhe dizer, ela preferiu olhar para a paisagem ao seu redor, porque o que estava fora da barca lhe dizia muito mais do que as palavras que esbarravam em seu ouvido sem poder entrar. Para ela, a poesia era as cores que se formavam no céu com o pôr do sol que faz da ponte Presidente Dutra um dos mais belos cartões postais do Vale do São Francisco. De tão encantada que estava, a menina permaneceu a maior parte do trajeto da barquinha com o olhar fixo nas imagens que lhe cercavam. Só pausou a contemplação para registrar no celular a poesia que estava refletida em seus olhos.

Apesar da Língua Brasileira de Sinais ser reconhecida como idioma legítimo do

povo Surdo no país por meio da Lei 10.436/02 e a sua difusão estar assegurada pelo Decreto 5626/05, a barreira na comunicação ainda é uma constante na vida de seus usuários nativos, que dependem de intérpretes para ter acesso a atividades básicas do cotidiano, tais como: consultas médicas, emissão de documentos e participação em eventos culturais. Embora em Petrolina a Central de Interpretação de Libras ofereça esse serviço gratuitamente para o público Surdo que necessita de auxílio em setores públicos, o trabalho desempenhado pela unidade é insuficiente para suprir todas as demandas solicitadas, pois o órgão estadual beneficia também municípios circunvizinhos pernambucanos e baianos.

Para quem a informação é capturada pelos os olhos e compartilhada com as mãos, a vida é feita de resistência. Minoria linguística em um mundo que tem como base de comunicação a oralidade, a pessoa surda vivencia o desafio diário de ser um estrangeiro em sua própria pátria. As dificuldades comunicacionais enfrentadas no seio familiar e reforçadas diariamente pela sociedade, expõem aqueles que não ouvem a



uma realidade marcada pela exclusão. A difusão da Libras e o seu uso como língua de instrução em escolas bilíngues são as principais pautas da militância Surda que na região está representada pela Associação de Surdo de Petrolina, entidade formada por 150 surdos com apoio de seus familiares e profissionais da área.

O cenário social de equidade aspirado pelas pessoas surdas ainda é um barco distante de chegar ao seu destino. Enquanto tenta traçar a própria rota de viagem, essa comunidade enfrenta situações tempestivas como a falta de acessibilidade experimentada pela moça que participava da travessia poética na barca. A riqueza das histórias contadas em duas horas de evento não puderam ancorar no porto da alma da garota surda. A travessia poética findou com o surgir da noite, pois segundo os Trukás, é perigoso fazer rituais no rio ao escurecer. A jovem que fala com as mãos e ouve com os olhos não recebeu o alerta sonoro que foi dado a tripulação pelos encantos e sabedoria indígena. Após a trajetória sobre as águas, a barca estacionou e ela desceu no cais de Petrolina seguindo os passos das pessoas que lhe acompanhavam. Em seu silêncio poético

caminhou para a jornada cotidiana de existir cercada por vozes que não conseguem lhe alcançar.







## A queda

Tentou alcançar a barca antes que ela partisse e apressou seus passos curtos. Não queria ser deixada para trás, pois quem é passageiro sabe que no jogo da travessia, perder a barquinha é esperar mais. E o mundo tem pressa. Ele anda ligeiro. Forçou uma corridinha sem sair muito do lugar como fazem os esportistas da marcha atlética. Nem caminhando, nem correndo, seguiu mais acelerada do que podia e menos veloz do que deveria.

A poucos metros de encerrar a minimaratona rumo ao barco, a mulher escorregou na escadinha improvisada do cais juazeirense, onde outros transeuntes também caem constantemente. Desabou mesmo com a vista guiando os seus passos. Talvez tenha percebido ao ter o mundo tirado dos pés, que nem sempre a estrada é segura para todos. Apesar de não possuir limitação física, a passageira também foi atingida pela falta de acessibilidade nos espaços urbanos de Petrolina e Juazeiro, dificuldade vivenciada diariamente pelas pessoas com

mobilidade reduzida.

Nos pontos de embarque das barcas que realizam a travessia entre as cidades, os passageiros transitam com receio pelos barrancos de areia que se formam onde os veículos atracam. Entre eles, estão pessoas cegas e com limitações motoras que devido ao problema de mobilidade no transporte fluvial têm a autonomia limitada, precisando quase sempre da ajuda de alguém para subir na embarcação.

O último censo do IBGE realizado em 2010 evidencia que 3,4% da população brasileira possui deficiência visual e 2,3% deficiência motora. Na sociedade que foi arquitetada excluindo de seu projeto essas pessoas, o direito de ir e vir constitucionalmente assegurado, ainda é uma quimera. A locomoção com segurança nas vias públicas não é vivenciada por todos os cidadãos, haja vista que apenas 4,7% das calçadas no país são acessíveis.

Somente em 2020 os transeuntes foram contemplados com uma rampa no trajeto da orla de Petrolina que dá acesso a parada das barquinhas. Apesar da iniciativa mostrar um tímido avanço na inclusão arquitetônica da cidade, do final da rampa



para a embarcação, o percurso em chão pedregoso continua sendo uma odisseia para muitos passageiros cadeirantes.

A queda protagonizada pela passageira apressada do cais baiano me fez pensar nos inúmeros tropeços que compõem a rotina daqueles que não tem a visão como guia. Nem ela com sua vista larga e pernas ligeiras esteve imune aos obstáculos do caminho. Cheia de areia e de arranhões, aquela moça marchou mais veloz que antes em direção ao barco. Queria tanto fugir da vergonha de ter sido vista sem chão, que mal ouviu as pessoas lhe oferecendo ajuda. Finalmente passou pela roleta e sentou entre os passageiros que lotam a barquinha no fim de tarde.

Como tudo vira assunto na travessia, o acontecimento também virou sussurro. Durante a jornada para a margem oposta, o marinheiro lhe disse que no dia anterior um passageiro rolou ladeira abaixo na parada da barquinha, em Petrolina. Com expressões de quem sabe ser corriqueira as quedas no porto, o homem não demonstrou surpresa na queda da moça. Pelo jeito, cair é hábito. É parte da travessia. Não deveria ser.

Naturalizaram a queda como algo

inevitável. Não é. Falta acessibilidade e a gente não vê porque as limitações que não temos nos impede de perceber que a estrada ainda não está preparada para que todos caminhemos juntos. Se aprendêssemos a enxergar o mundo pela necessidade do outro, talvez não precisássemos cair para entender. A mulher que tropeçou no porto de Juazeiro, refletiu sobre isso enquanto sacodia a poeira da roupa. O seu pensamento se fez translúcido para mim como se fôssemos uma. De fato. A moça era eu.







## Entrelinhas

Reflexo do mundo, a travessia é o trânsito de muitas vozes: as ditas, as não ditas e as quase ditas. E foi justamente nesse cruzamento de vocábulos, no tom jocoso da brincadeira inofensiva, que as convicções de dois homens se reconheceram e escapuliram pelas entrelinhas para se cumprimentar. Enquanto uma das embarcações aguardava no porto juazeirense o seu momento de atravessar para a outra margem, um moço adentrou e saudou seu colega funcionário da barca. Tocando-lhe no ombro de maneira cômica, aproximou-se do seu ouvido e disse sorridentemente: —Meu amigo aqui é macho. No que o outro respondeu prontamente: — Não sou amigo de gay. Ambos riram.

Aqueles homens sorriram o riso de uma existência que nega outras formas de existir. Disseram sem dizer, o que vem sendo dito há

séculos: héteros e gays não podem coexistir no mesmo mundo, como se o mundo fosse propriedade de quem é a norma. Provavelmente não se reconhecem homofóbicos, assim como, não reconhecem a legitimidade das identidades sexuais que diferem do padrão hétero normativo. Pelo riso deixaram revelar o preconceito que ainda está fortemente enraizado na sociedade.

Não costuma-se levar a sério o riso nem quando este fere existências, porque rir sempre foi permitido. Temos dificuldades em acreditar que o riso pode ser letal, mas a verdade é que a leveza da risada também dizima vidas, pois brincadeira muitas vezes é álibi para preconceito. Ao tornarmos o diferente alvo de piada, conseqüentemente o colocamos na mira de outros tipos de violência. O riso perpetua desigualdades, reforça estereótipos e reproduz discursos.

Do outro lado do riso, para além da barquinha, a comunidade LGBTQ+ avança na conquista dos direitos que a sociedade



lhe nega. Em 17 de dezembro foi instituída no calendário oficial de Petrolina, por meio do Projeto de Lei nº 151/2019, a Semana Municipal de Enfrentamento a LGBTfobia. O projeto de autoria do vereador Gilmar Santos foi aprovado apesar dos votos contrários de dois parlamentares representantes da bancada evangélica.

Em uma margem do rio, as convicções escorregam pelo riso, na outra, são marteladas pela bíblia. Embora ambos os discursos carreguem uma essência nociva, aqueles que não são reconhecidos como problemáticos, porque se apresentam de forma dissimulada e quase não dita, são os mais difíceis de serem enfrentados. Por se alojarem no espaço entre o dito e o não dito, passam despercebidos e entre risos se perpetuam com mais facilidade.

Convicções são vocábulos que residem entre o dito e o não dito. Sedimentadas nas entrelinhas, as certezas se cristalizam no tempo porque subestima-se o que é reverberado no silêncio, nos

gestos e nas meias palavras. Discursos também são constituídos de silêncio e perpetuados pela força daquilo que não se diz claramente. Como alguém que fazia da implicitude a essência da própria escrita, Clarice Lispector em *Água Viva* disse que “o melhor está nas entrelinhas”.

De fato. O quase dito ocupa um espaço relevante na linguagem humana, esse jogo composto de códigos e sentidos que nos revela ao revelar como pensamos o mundo. Quase dizer diz tanto quanto aquilo que se afirma com clareza, pois é no conforto das insinuações que a gente se deixa escapar. Aqueles homens na barca deixaram.

Clarice Lispector também escreveu: *“as palavras me antecedem e ultrapassam, elas me tentam e me modificam, e se não tomo cuidado será tarde demais: as coisas serão ditas sem eu as ter dito”*. A gente diz mesmo quando acredita que não. O pensamento escapole de todo jeito, mas é nas insinuações que ele gosta de existir. É preciso ter cuidado,



com o que falamos e com o que pensamos, para que quando nos lerem nas entrelinhas, encontrem, não convicções cristalizadas no preconceito, mas ideias capazes de se moverem juntamente com o mundo, quando o mundo se movimentar para a equidade.





## *A sereia da margem*

Em uma das voltas que nos leva e traz para o cais das realidades que recusamos enxergar. No dia que o sol parecia ter despencado um pouco mais na direção do sertão, nesse dia, um cisco em forma de mulher pousou em meus olhos. Enquanto a vida movimentava a sua engrenagem no porto baiano e os passageiros aguardavam a partida da barca entre murmúrios sobre o clima, ela se banhava nas águas do rio com a tranquilidade de quem não se importa em ser observada.

De fora da embarcação, da sua perspectiva para o mundo, era apenas um corpo feminino a se refrescar no Nilo dos sertanejos. Pele clara, cabelos curtos e castanhos, a misteriosa mulher de não mais que 50 anos caminhou na direção das barcas como se fosse mais um dos passageiros que ali estavam. Contrariando a perspectiva dos olhos que a observavam, desviou os passos e entrou repentinamente no rio.

Trajando short jeans e camiseta, a moça mergulhou entre duas barcas que estavam atracadas

no cais. De dentro de um dos veículos, os olhares a esculpam com a argila do escárnio. Disseram que era ruim das ideias, como se precisassem da loucura para justificar o incomodo que os marginalizados lhes causam. Todas as coisas ditas por tripulantes e passageiros tinham o tom da acusação: a moça foi sentenciada responsável pela própria condição mental.

Como os que buscam no porto abrigo, pão e entorpecentes, a mulher alcunhada de doidinha é o assunto que ninguém quer enquadrar na fotografia cotidiana. Só vira pauta quando é alvo de zombaria. A miséria alheia incomoda. Incomoda tanto, que é proibido pedir dinheiro ou carona na barca. A tarifa de dois reais cobrada pela travessia, ainda é um valor bastante oneroso, considerando o cenário socioeconômico das duas cidades. Das 27.091 famílias (35% da população) beneficiárias do Bolsa Família em Juazeiro, 11.524 estariam em condição de extrema pobreza sem o auxílio. Na cidade pernambucana, 28.172 famílias são assistidas pelo programa e sem ele 11.060 delas viveriam precariamente.

A mulher que se banhava na margem doeu no meu olho e se alojou tal qual um



cisco difícil de remover. Por ser mulher, já nasceu na beira do mundo. Como pobre, não teve o crédito necessário para adentrá-lo. E por causa sua condição mental, talvez não tenha a chance de desbravá-lo. Foi então que entendi: olhá-la para além da superfície é correr o risco de se deixar enfeitiçar pela empatia, mas poucos de nós quer se ver refletido nos olhos de quem fica para trás, pois isso significaria lidar com os privilégios que possuímos.

Os comentários pulverizados na barca sobre a banhista anônima demonstram a maneira segregacionista com que a sociedade ainda enxerga as pessoas acometidas por transtornos mentais. Os estigmas relacionados as doenças psiquiátricas não só afetam a vida social de quem possui algum transtorno, como também dificultam a busca por tratamento. Na contramão dos modelos manicomiais, a Política Nacional de Saúde Mental que norteia os tratamentos nessa área, visam a integração social, familiar e resgate da cidadania dos pacientes psiquiátricos por meio de atendimentos realizados pelos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).

Em 2019, o CAPS de Petrolina

atendeu 1.499 pacientes com transtornos graves e persistentes. Nesse mesmo período, 343 tentativas de suicídios foram registrados na cidade. No município vizinho, o coordenador da unidade estima que o número de assistidos seja de 1200. Esses dados alertam para a necessidade de cuidado com a saúde mental da população na região.

A sereia da margem, que toda tarde se banha no São Francisco, é uma das pessoas com transtornos mentais que frequentam o porto. Rotulada de maluca pelos transeuntes do cais, é julgada por aqueles que confortavelmente a miram de dentro da barca enquanto esperam a partida para o outro estado. Quem é passageiro, deseja que a barca siga seu percurso a despeito da situação daqueles que não podem estar a bordo. Enxergar aquela moça para além do estereótipo implica em vivenciar suas dores. E quase nunca a gente está disposto a se esvaziar para caber em outras existências. Vestir-se de gente dá trabalho. A roupa/pele alheia nos machuca com a dor que não é nossa. E a dor emprestada nos empurra para o sentimento de justiça. Isso significa exercer a empatia.

Se isso acontecesse, teriam que



interromper a travessia para torná-la acessível aos que sozinho não conseguem navegar. Mas ninguém joga uma corda, um colete salva vidas ou estende a mão. Apenas rotulam. Independente dos que ficam, o barco segue todos os dias e com ele os que desviam de tudo que pode atrasar a jornada. Esses são os preferem seguir a vida fingindo não ver a imagem da exclusão atravessando-lhes os olhos.





## Vestígios

As pequenas ondas formadas no rio pela passagem da barquinha lembram que a vida é feita de movimentos. O mundo se movimenta e nos leva junto assim como nos movimentamos e levamos o mundo conosco. Se tudo que se move deixa vestígios e as pegadas do caminho indicam a direção do deslocamento, para onde estamos indo? Em que porto o universo atracará?

Movimentando-se lentamente na contramão dos passos apressados do cais, um homem de meia idade descia pela rampa de acesso da orla juazeirense onde uma placa alerta em letras garrafais: “Poluir o Rio é Crime- Lei 9.605/98 Artigo 54 Pena: Reclusão de um a cinco anos”. Em trajas despojados de banhista, ele continuou a sua trajetória levando debaixo do braço uma cadeirinha de madeira, enquanto na outra mão segurava uma mochila infantil cor-de-rosa.

O banhista marchou pacientemente em direção ao rio e após uma breve análise do ambiente ao redor, demarcou seu território como quem

reivindica uma parte do paraíso. Posicionou a espreguiçadeira no espaço livre entre as barcas e finalmente se deixou acomodar. Seus olhos repousaram nas águas e na cidade pernambucana que se ergue na margem oposta.

Durante o momento de contemplação, retirou da bolsa o cigarro que trouxe até formar uma bituca. Naquele instante pensei ter flagrado o momento de fuga do homem urbano cuja fraqueza é a nostalgia do primeiro lar, a falta dos braços da mãe natureza, mas foi o movimento inexplicável da contradição humana que me surpreendeu quando aquele senhor de meia idade mergulhou ao lado do lixo que descartou no rio.

O que pode ser mais antagônico do que o homem que se banha nas águas que polui? O seu movimento no mundo movimentou o mundo para a degradação. Lançou a bituca de cigarro no rio e com ela mais de cinco mil substâncias tóxicas, inclusive o acetato de celulose que passa uma década para se decompor completamente. Não planejou destruir, mas o fez porque é isso que acontece quando a degradação vira hábito: a gente se move sem se importar com



os rastros deixados pelo caminho. O homem que fumava na beira do rio não se movimentou para destruir, mas destruiu ao se movimentar.

Ele não foi o único. Ao seu redor havia mais vestígios. Inúmeros. Dezenas de bitucas se acumulam na margem com outros tantos detritos. Garrafa plástica de água. Embalagem de chocolate. Palito de picolé. Cartela de comprimido. Copo descartável. Sapato velho. Papel de bala. Sacola plástica. Marmitex de isopor. Papel de picolé. Bilhete de passagem rodoviária. Tampa de garrafa. Garrafa de vinho quebrada. Panfleto de faculdade. Cartão de visita de loja. Caixa de sapato. Esponja de prato. Palito de churrasco. Colher de plástico. Potinho de sorvete. Canudo.

A mão humana tem desfechado duros golpes no rio provocando a sua degradação. O lixo jogado nas margens, o assoreamento decorrente do desmatamento da mata ciliar, a contaminação por esgotos e metais pesados ameaçam a existência do maior curso de águas totalmente brasileiro. Com aproximadamente 2.830 quilômetros de extensão, o Rio São Francisco nasce em Minas Gerais e percorre os estados da Bahia,

Pernambuco, Sergipe e Alagoas, onde desagua no Oceano Atlântico. Banhando 501 cidades, o Velho Chico como carinhosamente é chamado pelos ribeirinhos, possui grande importância econômica, social e cultural.

A gente se move e leva o mundo junto. Conclui ao presenciar o banhista mergulhando ao lado da bituca que lançou nas águas. A medida que o homem emergia, refrigerando-se no Nilo sertanejo, o resto de cigarro era levado pela correnteza como um vestígio de sua passagem. O antagonismo da cena foi complementado pelo apelo grafitado no muro de contenção do porto, por onde centenas de pessoas passam. Nele vi refletido a pergunta retórica que silenciosamente me fiz naquela tarde: o que seremos sem o rio?







## No controle

Na primeira tarde de 2020, uma mulher assumiu a direção de uma das barquinhas que realizam a travessia entre Juazeiro e Petrolina. A aventura durou pouco menos de um minuto, apenas o suficiente para que ela experimentasse a sensação de estar no controle. De um instante para outro, a moça mudou sua posição na viagem: de passageira transformou-se em piloto. Quase ninguém percebeu sua façanha e euforia enquanto movimentava o leme. Eu vi.

Embora o piloto oficial do barco fosse lhe soprando no ouvido pequenas instruções, aquela mulher apenas sorria em seu êxtase particular. Não parecia interessada no que ele tinha a lhe dizer, estava ocupada demais conduzindo o mundo. Impressionada com o que acabara de fazer, pediu para que um passageiro a filmasse. Queria levar para casa o registro do improvável. E conseguiu.

A cena transcorreu durante a procissão fluvial que acontece todo dia primeiro de janeiro em homenagem ao bom Jesus dos Navegantes. Em uma

das sete embarcações que realizavam o cortejo no rio, estava a mulher que em uma atitude audaciosa assumiu o controle do leme. Convenceu o piloto sabe-se lá como e embarcou em sua breve aventura pelo São Francisco.

A pequena odisseia pareceu bastante emblemática para o início de ano, período em que metas são revistas e rotas redefinidas. Lembra em escala menor, a importância da autonomia feminina na condução do próprio destino. No país em que a cada dois segundos uma mulher é vítima de violência física ou verbal, conforme dados do Relógio da Violência do Instituto Maria da Penha, estar no controle da navegação significa dispor de conhecimento e estratégia para se salvar de um naufrágio fatal.

Se por um lado as mulheres têm se apropriado cada vez mais do leme da vida, por outro, os números alarmantes revelam o quanto ainda são violadas. De acordo com a secretaria de Defesa Social de Pernambuco, 2030 mulheres foram vítimas de violência doméstica e familiar em Petrolina no ano de 2019, número que representa um crescimento de 47% dos casos na cidade nos últimos cinco anos. Um levantamento realizado pelo Centro



Integrado de Atendimento à Mulher em Juazeiro mostra que 89,8 % das mulheres atendidas pela unidade são pardas e negras, confirmando assim na realidade micro, as estatísticas do Mapa da Violência que aponta esse grupo como o que mais sofre agressões no país.

Segurar o leme é escolher para onde ir. É poder ser livre para abraçar desejos e recusar imposições. Durante muito tempo, as mulheres navegaram por rotas masculinas e sob o comando dos homens, inúmeras se afogaram no vazio de uma existência destituída de sentido. Outras afundaram com o barco em dias de tempestade. Mas houveram algumas como aquela da barquinha da procissão, que em um ímpeto de coragem desafiaram as regras e comandaram o barco.

Diariamente, cinco barquinhas realizam a travessia entre Petrolina e Juazeiro. Todas pilotadas por homens. No cotidiano, as microrrelações refletem dimensões macro do mundo e revelam nas miudezas dos pequenos acontecimentos, questões de grande relevância. Em proporções menores, a barca é a projeção de uma sociedade que se desenvolveu negando a

mulher o direito de estar no controle da própria vida.

Os homens comandam a navegação porque antes de dominarem o rio, já possuíam o mundo. Deles ainda são as mãos que conduzem o leme e os olhos que miram o trajeto. Por enquanto. Nos últimos tempos a correnteza da emancipação tem movimentado o barco em direções inesperadas dando sinais de que novas rotas são necessárias para romper o ciclo de dominação.

A liberdade é uma vitória que se conquista diariamente. Somente a força da emancipação é capaz de modificar o percurso de uma jornada histórica de subserviência. Que não nos falte coragem e , se preciso for, sagacidade, para tomarmos posse do direito de navegar pela vida por onde o desejo nos guiar.







## A cor da culpa

Matheus 17. Lucas 20.

Às vezes é na ausência que a vida se apresenta. Como se a existência fosse uma entidade percebida pela perspectiva da falta, os garotos viraram notícia somente quando desapareceram. Eu os conheci sem nunca tê-los visto pessoalmente. Provavelmente jamais saberia de suas vidas se estas não tivessem sido trazidas aos meus ouvidos nos sussurros da travessia. Matheus e Lucas sumiram.

Nos comentários surgidos na barca, falavam sobre o protesto que familiares e amigos dos jovens desaparecidos realizaram naquela tarde em Petrolina. Os passageiros questionavam a legitimidade da manifestação ignorando a informação que me pareceu mais grave na história: dois garotos negros, pobres e periféricos sumiram após uma abordagem policial no bairro Mandacaru, zona leste da cidade pernambucana.

Enquanto duas passageiras da barca decidiam se é válido ou não uma mãe manifestar a sua dor interrompendo o tráfego de uma via pública,

justificaram as circunstâncias do desaparecimento exibindo um vídeo em que Lucas e Mateus são vistos com cigarro de maconha. Concluíram de imediato, que se a polícia apreendeu os garotos é porque certamente eles eram culpados.

A tragédia do preto no Brasil é nascer com a cara da culpa e com uma dívida que nunca será quitada. Viver no lado negro da vida brasileira significa transitar entre o menos e o mais de uma conta que sempre fecha com saldo negativo. Negros ganham menos que brancos, tem menos acesso à educação e são menos representados em espaços de poder, à medida que também são as maiores vítimas da violência e representam a maioria da população carcerária.

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública escreve com números o cenário da saga negra no país: 75,4% das pessoas mortas em intervenções policiais no ano de 2019 eram pretas ou pardas. Para preto, o veredicto é definido antes do julgamento e a sentença é sempre a morte.

Na nação miscigenada, o júri popular decide pela cor da pele quem vive e quem morre. É impossível não temer pela vida de Matheus e Lucas quando se vive em uma



sociedade que extermina a juventude negra. Antes de ser um ato de protesto, o fogo ateado nos pneus é a voz de uma mãe em busca de respostas. Interromper o trânsito foi a forma que Elizete, mãe de Matheus, encontrou de ser ouvida.

A sua voz ecoou nos veículos de informação e alcançou a barca. Me alcançou. Onde estão Matheus e Lucas? A embarcação estava quase aportando na margem petrolinense quando li pelo celular o relato de Elizete em um site de notícia. “Fizeram meu filho virar vento”. A frase me chamou atenção por todo simbolismo que representa. Quem desaparece repousa em um estado de existência situada entre a vida e a morte. Talvez para uma mãe cujo filho está desaparecido, a dor da dúvida seja maior do que a certeza de um possível óbito. Foi o que li na agustia de Elizete quando ela disse: *“Como mãe meu coração diz que ele está vivo, mas eu quero uma resposta de vivo ou de morto”*.

A travessia finalizou e os comentários prosseguiram. Na vida real e na on-line, as pessoas demonstraram estar mais preocupadas com a interrupção da avenida causada pelo protesto, do que com as vidas

pelos quais se protestava. "*Não concordo com queima de pneus na rua porque atrapalha quem precisa trabalhar*". Comentou uma das passageiras. Gente negra vive, desaparece e morre na invisibilidade. Até quando vira notícia pela tragédia, preto não é o destaque.

Faz uma semana que Matheus e Lucas foram vistos. A polícia militar confirma a abordagem, mas alega que liberaram os jovens após a ação. Um inquérito será aberto para investigar o caso. Enquanto isso, a família de Matheus e Lucas aguardam na incerteza. Querem acreditar na vida apesar do receio da morte. Entre a força dos indícios e a falta de provas, esperam as respostas necessárias para que a história tenha um desfecho digno. As vezes a vida é anunciada pela sua ausência. Foi o que pensei ao descer da barca. Eu, que nunca vi Matheus e Lucas, conheci pelo prisma da falta, a existência invisível de suas vidas. Infelizmente esse é o enredo do cotidiano negro. E a julgar pelos comentários que ouvi na travessia, falta muito para a gente mudar essa história.







## O que a fotografia revela

Na espera pela barca, no cais pernambucano, fui atraída por olhos que tentavam pescar na superfície, um peixe de águas profundas. Esquivando-me do sol na barraquinha de Pedro, o baixinho do picolé, ouvi os sussurros do dia trazidos pelas muitas vozes do cais, onde tudo se sabe e tudo se diz. Todos sabiam e comentavam o desfecho da história de Matheus e Lucas, os jovens que desapareceram após uma abordagem policial no dia 11 de janeiro de 2020, em Petrolina. Se dias antes, a existência desses garotos tinha sido anunciada pelo sumiço abrupto, agora se apresentava pela notoriedade da morte.

Matheus dos Santos e Lucas Levi foram encontrados sem vida em um matagal próximo a Serra da Santa, zona rural da cidade. Após uma semana de expectativa, os familiares receberam na morte a resposta para a tragédia já pressentida. Duas vidas ceifadas por não serem enxergadas como dignas foram enterradas sem direito a despedidas.

Ali, onde a vida estava sendo comentada

pela perspectiva da morte, um par de olhos analisava a fotografia que ilustrava a notícia. Eu olhava os olhos que mirava a foto esperando que o pensamento daquele homem escorregasse pelas suas retinas e caísse em minhas mãos. Observando o retrato em que Matheus e Lucas aparecem posando para câmera, como qualquer outro jovem da mesma idade, o moço demonstrava em suas expressões ter encontrado a justificativa para o crime.

E quando achei que partiria na barca sem saber o que os olhos daquele moço pescaram, ele me entregou o seu pensamento antes que eu me afastasse: — Desculpa o que eu vou dizer agora, mas esses aí já tinham a cara do que não presta. O comentário foi endossado por risos que revelavam às suas convicções preconceituosas.

Navegando pela internet, a notícia navegou também de uma margem para outra nos sussurros da travessia. Foi assim que a vi chegando nos ouvidos do marinheiro que não sabe ler. Luciana, a vendedora de cocadas, se fez olhos para que Edgar lesse as palavras que não conseguia decifrar. A imagem me fez pensar que a gente também lê o mundo pelos olhos dos outros.



A cara do que não presta é vista nos rostos negros que aparecem na foto porque os olhos que os enxergam interpretam que preto tem a cor e a face da culpa. O transeunte do cais leu a fotografia de Lucas e Matheus não somente com seus olhos, mas com os muitos olhos que existiram antes dele. Ele leu com a retina de uma sociedade racista, que pessoas negras têm a aparência do crime.

No país onde 75,5% das vítimas de assassinato são negras, urge a compreensão do racismo como leitura de mundo que extermina. O racismo repousa nos olhos da população tanto quanto nos ombros do Estado e se perpetua por meio das interpretações rasas e irresponsáveis das vidas pretas. O Atlas da Violência de 2019 aponta Pernambuco como terceiro estado brasileiro com maior índice de homicídio de negros.

O mundo que cabe nos olhos se traduz como a revelação das nossas próprias narrativas. Extraímos daquilo que vemos o fragmento que nos reflete, pois lemos a história com a história que somos. Sendo a vida um retrato em movimento, estamos sempre tentando capturá-la, mas a engrenagem que a faz funcionar não aparece

na foto. Para enxergar a totalidade do mundo é preciso decodificar as suas letras ocultas e aprender com os não dizeres a interpretar as ausências.

A vida também se manifesta no escuro e o que ela diz nas sombras, os olhos não enquadram. Mais do que um sentido restrito aos olhos, a visão é um mergulho nas entranhas do universo. Uma vez submerso, enxerga-se com toda a existência e para além dela. Eu vi a vida sendo lida em um retrato digital e o que não vi refletido nos olhos que mirava a foto, me fez pensar sobre as coisas que não costumamos ver porque pertencem as profundidades.

As complexidades e nuances de uma vida não podem ser lidas nos rostos que as carregam. Somente uma leitura profunda da existência de alguém é capaz de revelar a sua história. A fotografia que acompanha a triste notícia da morte de Lucas e Matheus circula pelos olhos da região revelando mais o mundo que a observa do que o mundo que eles eram.







## ***História de Pescador***

Ligando Petrolina e Juazeiro como linhas que unem as margens de uma folha pautada, o Rio São Francisco é o traço sobre o qual a história ribeirinha se escreve. Conduzida pelas águas, as narrativas oficiais e anônimas navegam diariamente de um porto a outro, lugares onde tudo se diz e tudo se sabe.

Na travessia, todo mundo é um pouco protagonista e um tanto narrador. Vive-se as histórias que se conta e conta-se também histórias não vividas. Em versos e prosa, passageiros das barcas, banhistas, turistas, vendedores ambulantes, moradores de rua, pescadores e barqueiros escrevem e protagonizam as narrativas do cais.

Os rumores que circulam no porto às vezes ganham destaque e viram notícia, como a história do jacaré que devorou um cachorro na margem pernambucana do rio. Outros sussurros não ultrapassam os limites do cais, é o caso da saga da piracema, protagonizada e narrada por pescadores que transitam na parada das barquinhas em

Petrolina.

Observando o movimento do cais sob a sombra de uma algarobeira, um dos pescadores tecia tranquilamente a sua rede enquanto os passageiros passavam rumo à parada das barcas. Como tempo de espera é também momento de prosa, uma conversa logo se iniciou. Falaram sobre o tal jacaré visto por um marinheiro abocanhando o pequeno cão indefeso. Em meio a questionamentos sobre a veracidade do caso, o pescador se pronunciou:

- É verdade. Um marinheiro viu. O rio está cheio de jacaré. Esses dias eu pesquei um, mas estava morto.

A história foi recebida com certa incredulidade e uma dose de espanto, porque no imaginário do povo ribeirinho, folclore e realidade navegam no mesmo barco. Entre um comentário e outro, a conversa foi embalada por temas diversos até ancorar na piracema, período de reprodução e desova dos peixes. Indagado sobre a proibição da pesca predatória nessa época, o pescador sorriu o sorriso ambíguo de quem não pretende mentir, mas teme ser julgado por revelar a verdade. Como um prelúdio daquilo que responderia a seguir, suspirou fundo



enquanto desviava o olhar para o rio que conhece tão bem:

-Infelizmente tem que pescar. Não tem outro jeito.

De todas as coisas ditas no intervalo de quinze minutos de espera pela barquinha, o relato da pesca do jacaré foi o que causou mais frisson entre as pessoas ao redor. Em contrapartida, o testemunho do dilema vivenciado pelo pescador no período da piracema passou tão despercebido quanto o curumatã de seis quilos e meio que estava sendo vendido ilegalmente na barraca ao lado.

É janeiro, terceiro e penúltimo mês do hiato nas atividades pesqueiras, ocasião em que a natureza precisa da pausa humana para que o ciclo da vida siga seu curso. Esse é o momento em que na contramão da correnteza, os peixes nadam em direção a nascente do rio para realizar o processo de reprodução. O fenômeno é conhecido como piracema, termo de origem Tupi, cujo significado é: subida do peixe.

O defeso da piracema é tempo de pausa e de restrições. Durante quatro meses as redes, tarrafas e arpões são substituídas pelos anzóis, porque a pesca é liberada

apenas para o consumo, sendo proibido ao pescador capturar mais do que cinco quilos de peixe por dia. A desobediência é configurada como crime ambiental pela Lei 7679/88 e pode acarretar em apreensão do barco, multa, prisão e suspensão do seguro defeso, auxílio que os pescadores registrados recebem nesse período.

A pausa necessária a preservação dos peixes torna-se quase impossível de acontecer quando pescar é a única alternativa de sobrevivência. O atraso no pagamento do benefício faz com que pescadores registrados vivenciem um grande dilema durante a piracema. Nesse duelo entre consciência e necessidade, a última sempre vence.

Compartilhando da mesma problemática, os pescadores não registrados também reconhecem os prejuízos da pesca clandestina no período de reprodução dos peixes e lamentam que essa seja a única fonte de renda que possuem. Com o olhar entristecido, um destes homens revela que a maioria dos peixes por ele capturado na noite anterior estavam “ovados”. Ao relembrar a cena, o artífice do rio pede perdão a Deus pela fecundação interrompida, enquanto se justifica: - Não tem outro jeito.



O curumatã de quase sete quilos exposto para a venda na parada das barquinhas é apenas mais um que caiu na rede proibida dos pescadores do cais. O peixe desembocou no bolso do predador em forma de sustento para os seus quatro filhos. Desempregado, esse pescador teve o auxílio pesca suspenso quando começou a trabalhar formalmente em 2019. Arriscando ser surpreendido pelo Ibama, desapareceu no rio para mais uma empreitada após vender o pescado por noventa reais.

A piracema é a época em que o pescador também nada na contramão da própria existência, seja por ter a sua fonte de renda limitada ou por contribuir com a pesca clandestina para a redução das espécies nativas do rio. Nesse cenário onde a vida tem o seu percurso natural interrompido para que outras vidas sejam mantidas, a contradição é protagonista. O desafio é encontrar o ponto de equilíbrio da balança, para que um dia pescador não seja apenas lenda e peixe história de pescador.









## O rio é abrigo

Casa não é sinônimo de lar. Lar é acolhimento. É o lugar onde a existência cabe confortavelmente. Há pessoas para quem o rio é a referência mais significativa de lar. As margens do São Francisco em Petrolina e Juazeiro é o abrigo temporário e permanente de muitas vidas. Tem gente que faz do Velho Chico o lar que uma casa não representa, como o cigano Piauí, que apesar de possuir residência, prefere tomar banho, fazer a barba e lavar roupa no cais baiano, onde diz se sentir muito acolhido. Mas há também aqueles que residem no porto porque nunca tiveram no mundo um lugar para chamar de lar. Com esses, a sociedade é implacável.

Pessoas em situação de rua vivem o cotidiano da rejeição. São indesejados por onde passam e onde quer que estejam porque apesar de refletirem as mazelas de uma sociedade excludente, violenta e desigual, são geralmente estigmatizados como a própria chaga do mundo. Quem faz da rua morada desacostumou a ser olhado nos olhos e encarado

como gente que de fato é, pois a vida para estes é uma sucessão de portas que se fecham e de olhares que lhes roubam a dignidade humana. O enredo da rua é a rotina da violência. É a história da negação, onde se nega o pão e o afeto.

As ruas Juazeirenses abrigam hoje 139 pessoas, sendo 129 destas, migrantes das vielas de outras cidades. Atraídos pelo oásis sertanejo, a maioria desses homens e mulheres não encontram na região a chance de um recomeço, mas a extensão da realidade hostil que enfrentam por onde passam. Indesejados nas vias públicas, são também rejeitados pela vizinhança da instituição onde recebem assistência social durante o dia. Localizado no Country, bairro nobre da cidade, o Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua, o Centro POP, recebe constantemente reclamações de quem não quer perto de seus lares, gente que não tem onde morar.

Quem vive na rua não é bem-vindo em lugar algum. A sociedade deseja mantê-los sempre fora do alcance dos olhos. Talvez seja por essa razão que o Centro Pop de Petrolina foi transferido para a periferia da cidade. A instituição que até setembro de 2019



funcionava na região central, agora está localizada no bairro Jardim São Paulo, a seis quilômetros e meio km de distância da antiga sede, área onde a população de rua costuma trabalhar e pernoitar. Após a inauguração do novo espaço, a quantidade de assistidos reduziu significativamente. Das 267 pessoas cadastradas na unidade, apenas 100 estão frequentando, número que representa metade das assistências realizadas antes da mudança do prédio.

Gente em situação de rua escreve no livro da própria existência, histórias e sonhos que ninguém lê, como o menino que dorme nas avenidas da cidade sonhando um dia ser arquiteto. Recém-chegado em Petrolina, \*Luan foi fisgado pela beleza do rio São Francisco e atraído pelo desejo de recomeçar a vida longe da casa que um dia já foi o seu lar. O sorriso branco do garoto de 18 anos contrasta com as cores quentes das roupas que gosta de vestir, assim como a vaidade e carisma contrastam com as memórias tristes que carrega. Para Luan, a rua se tornou mais segura do que o seio familiar onde foi abusado sexualmente pelo padrasto aos 12 anos. Sem o acolhimento e apoio materno, foi expulsou de casa iniciando sozinho a sua

jornada no mundo em busca de um verdadeiro lar.

Natural de Salvador, onde residia com a mãe, o padrasto e dois irmãos, o garoto que deseja ser arquiteto aprendeu com a vida fora de casa a arte da sobrevivência. Longe da família, Luan precisou se prostituir, mas o desconforto em comercializar o próprio corpo o fez procurar outras formas de se manter. O soteropolitano de Pituaçu encontrou na vida circense um lar temporário e uma alternativa de ganhar dinheiro sem recorrer a prostituição. Há 3 anos em situação de rua, Luan anda pelo mundo contrariando os estereótipos. Apesar da condição de vulnerabilidade, não consome bebidas, cigarro ou outras substâncias que causem dependência. Filho de Oxum, Ossaim e Omulu, diz ter aprendido com o candomblé a respeitar o corpo como um templo sagrado.

Com 150 reais no bolso e um sonho no coração, Luan planeja a vida nova que pretende construir às margens do Velho Chico. Enquanto regulariza os documentos que perdeu durante a viagem, o menino que trocou o mar pelo rio vai fazendo as contas para multiplicar o pouco de dinheiro que tem. Pensa nos possíveis lugares da cidade que



pode ganhar dinheiro fazendo o que sabe. Ele, que é patinador e vendedor ambulante, traça as estratégias e metas para começar uma nova história nas terras áridas de Petrolina.

Há três semanas em Petrolina, Luan se alimenta e toma banho no Centro Pop, unidade pública de assistência social as pessoas em situação de rua. Como a instituição não realiza atendimentos noturnos, o jovem baiano retorna para as mediações do centro da cidade para dormir. Sob o céu estrelado, o garoto do sorriso largo descansa a cabeça e o corpo na rua sonhando com o dia em que assinará a planta da casa que ele poderá finalmente chamar de lar.

\* Nome fictício usado para proteger a identidade do entrevistado





## *Joana D'arc, heroína do cotidiano*

Em maio de 1958 nascia na praia de Iracema, Fortaleza, uma fortaleza de mulher. Batizada com nome de heroína, Joana D'arc é uma guerreira do cotidiano. A história da cearense que nunca conheceu a cidade natal, começou a ser escrita a beira-mar, onde permaneceu apenas um mês. Levada pelos pais para uma nova vida no sítio Cipó, em Cachoeira dos índios, município paraibano, a menina nascida no litoral teve uma infância sertaneja.

Ao lado dos cinco irmãos, Dadá, a terceira filha do mestre de obras Ozorio Alencar e da costureira Maria Alice, foi mais uma criança que dividiu as brincadeiras com o trabalho. Em suas memórias infantis estão lembranças da rotina no interior. Diariamente ajudava os pais a pisar milho, arroz e a buscar água no açude. Carregando na cabeça o peso da água, a menina Joana desde cedo aprendeu como caminhar na corda bamba da vida equilibrando as dificuldades com os pequenos os prazeres do cotidiano.

Quando sobrava momento para ser criança, se divertia fazendo dos sabugos de milho as bonecas que nunca teve. Escalando árvores e montando cavalos, Joana D'arc dava vida a guerreira que imaginava ser sem saber que já era uma. No retrato preto e branco onde aparece ao lado dos irmãos, a sexagenária vê uma garota traquina, que comia o lanche da irmã caçula e as frutas que sua tia Anália colhia na roça e escondia em casa.

A vida pacata no Sitio Cipó foi alterada pela seca que assolava a região na década de 1970. Fugindo da estiagem, Joana e sua família atravessaram para o estado vizinho em uma rural cheia de pertences e sonhos. O destino: Petrolina, o oásis do sertão pernambucano. Seguindo a esperança de construir uma vida mais próspera na cidade que se desenvolvia às margens do São Francisco, a família paraibana deixou para trás o lar onde passaram dias felizes apesar das dificuldades.

O novo capítulo da história de Joana D'arc começou a ser escrito em 1972 quando chegou em Petrolina. No lar erguido no bairro Areia Branca, a trajetória de abnegação continuou sendo traçada pela jovem



imigrante que deixou de viver os próprios sonhos para torná-los possível aos que amava. Joana interrompeu os estudos na sexta série para ajudar a mãe nas atividades domésticas, já que esta sofria de problemas cardíacos. Enquanto os irmãos estudavam, ela permanecia em casa cuidando da família. Sem diploma ou registros na carteira de trabalho, fez do amor o seu melhor ofício.

Nas melhores memórias da juventude às margens do Velho Chico, ela guarda os banhos de rio no Jatobá, as missas aos domingos, os filmes assistidos ao lado do namorado, no Cine Petrolina — primeiro cinema da cidade — e os momentos de descontração compartilhados com a família no restaurante Vaporzinho, que funcionava dentro do barco Saldanha Marinho, em Juazeiro nos anos 1980. Primeiro vapor a navegar no Rio São Francisco, a embarcação instalada inicialmente na orla 1 foi restaurada e transferida para a orla nova do município em 2007, onde está até hoje remontando a história da navegação local.

A linha da vida de Joana D'arc é um curso de água que nasce na praia de Iracema e desemboca no rio São Francisco. Ribeirinha por merecimento, a imigrante é tão

petrolinense quanto qualquer outro cidadão nascido na cidade. O rio que cruzou o seu caminho fez no seu caminho cruzar outro Francisco Assis, o quilombola piauiense que lavava carro no cais pernambucano. Ao lado dele, a mulher de 61 anos, fez a grande obra da sua vida: preparar as três filhas para viver os sonhos que ela não pode.

Mesmo não tendo liderado um exército, como a heroína francesa que defendeu seu país na guerra dos Cem Anos, Joana Darc é uma das inúmeras guerreiras do lar, que antes de cuidar de si mesmo pensa no bem estar da família. Ao dedicar a maior parte da vida aos pais, aos irmãos, ao marido e as filhas, a cearense Dadá guardou seus sonhos em um cantinho especial do coração. De vez em quando ela retira do baú escarlata os desejos que ainda pretende realizar. As suas aspirações são tão simples e genuínas quanto sua alma. Entrando na terceira idade, ela planeja tirar a carteira de habilitação e conhecer Fortaleza, a cidade que é seu berço.

Dos 48 anos vividos em Petrolina, 38 foram ao lado do marido Francisco, com quem divide residência no bairro São José. Enquanto conversa, a mulher que herdou da cultura cearense o bom humor e o gosto pelo



forró, faz de tudo um pouco. Cozinha, lava a louça, passa roupa, separa os remédios que o esposo precisa tomar durante o dia, marca consulta, paga boletos e faz a feira. Sua jornada é tão heróica quanto a da heroína canonizada que inspirou o seu nome. Joana D'arc, cearense de nascença, paraibana de criação e petrolinense por direito, é a guerreira litorânea que se tornou sertaneja. Em seu coração pulsa uma história marcada pelas águas e pelo amor, o seu maior legado.





Este é um livro de crônicas feito para ser lido durante travessias. Aquelas que modificam, nos aproximam das pessoas e nos fazem sentir os sons da vida.

Entre as cidades de Juazeiro, na Bahia, e Petrolina, em Pernambuco, Andréia Luciana se deixou levar pela barquinha que liga as duas cidades para perceber isso: As vozes em travessia.

